

SE EU FOSSE UMA PAISAGEM – REFLEXÕES SOBRE ARQUIVOS

FAMILIARES

Ana Costa Ribeiro¹

Resumo: O trabalho surge a partir do encontro com doze rolos em 8mm de arquivos familiares da autora, filmados entre 1953 e 1960 por seu avô, que fazem parte do material bruto do longa-metragem “Termodielétrico”, em desenvolvimento. Através de articulações entre Paisagem e Arquivo, pretende-se questionar como as relações estabelecidas pelo avô da realizadora com as paisagens que filmava nos anos 50 repercutem na forma em que ela se relaciona com as paisagens hoje.

A comunicação teve a forma de uma performance poética virtual, com a projeção dos filmes em 8mm passando ininterruptamente ao fundo enquanto se enunciava a fala. Assim, buscou-se inserir os espectadores numa experiência cinematográfica expandida.

Palavras-chave: Arquivo; Paisagem; Memória; Espaço; Tempo; Família.

Contato: costaribeiroana@gmail.com

Algumas considerações sobre o arquivo e a paisagem

Estamos acostumados a fazer das paisagens arquivos. A todo momento registramos o meio ambiente físico que nos rodeia e onde surgem relações. Armazenamos centenas de paisagens em nossos celulares, numa tentativa de congelar o tempo. Acumulamos imagens de viagens, praias, aeroportos, estradas, quintais, calçadas, avenidas, e de nossas relações com diversos espaços durante um determinado período de tempo. Ocupamos a nuvem com uma infinidade de arquivos de paisagens, para revisitá-las depois ou para esquecer-las para sempre.

O movimento contrário, entretanto, é pouco praticado. Fazer dos arquivos paisagens talvez seja uma forma de inverter o fluxo do tempo. Ou melhor, de mudar a forma mesmo como entendemos o tempo. Seria interessante olhar para os arquivos como olhamos para as paisagens, como se pudéssemos habitá-los, conviver dentro deles, criar relações, construir desejos. Para isso, é preciso uma aproximação ao arquivo que permita uma coexistência de tempos, pelo menos, de dois: o de quando foi produzido e o de agora.

¹ Artista, cineasta e escritora independente. Doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ, *Master of Fine Arts* em Cinema pela SFSU e bacharel em Comunicação Social pela UFRJ.

Ribeiro, Ana Costa. 2022. “Se eu fosse uma paisagem – reflexões sobre arquivos familiares”. In *Atas do X Encontro Anual da AIM*, editado por Carlos Natálio, Elisabete Marques e Marta Pinho Alves, 214-220. Lisboa: AIM. ISBN: 978-989-54365-4-5.

Da natureza do arquivo

“O sabor do arquivo se enraíza nesses encontros com silhuetas desfalecidas ou sublimes. Obscura beleza de tantas existências dificilmente esclarecidas pelas palavras, confrontando-se com o outro, tão prisioneiras delas mesmas quanto desvencilhadas do tempo que as abriga.” (Farge 2009, 49-50).

O sabor do arquivo, nos ensina Arlette Farge, nos remete mesmo a um lugar de indeterminação, como uma espécie de aparição fantasmagórica. Nem aqui, nem lá. Existências prisioneiras e desvencilhadas do tempo que as abriga. Existências em múltiplos lugares ao mesmo tempo.

O arquivo é sempre dotado de uma espectralidade, ou seja, é sempre fruto de um arquivamento feito por alguém num determinado período e contexto político, através de gestos de seleção, feitos de acordo com uma impressão de objetividade. Segundo Aleida Assman, “O que é lixo para uma geração pode ser informação preciosa para outra e, por isso, os arquivos não são apenas locais para armazenamento de informação, são igualmente locais para as lacunas de informação.” (Assman 2011, 370). O arquivo é, portanto, sempre algo com caráter fantasmagórico. É preciso enfrentar os fantasmas do arquivo.

O arquivo, já dizia Derrida, demanda sempre um suporte.

“Perguntava-me qual era o momento próprio do arquivo, se é que há um, o instante de arquivamento *stricto sensu*, que não é a chamada memória viva ou espontânea (*mneme* ou *anamnesis*) mas uma certa experiência *hipomnésica* e protética do suporte técnico.” (Derrida 2001, 39-40)

Da natureza da paisagem

Para o poeta Rainer Maria Rilke, devemos pensar a paisagem como meio de expressão de uma experiência. Para Gilles Tiberghien, a paisagem é pensada como um meio ambiente físico que faz surgir uma relação: “há uma dimensão da paisagem que é

fundamental, a de que ela é uma relação, e não uma coisa, uma ligação entre os homens, e ao mesmo tempo o reflexo de sua atividade.” (Tiberghien 2012, 180)



Imagem 1 – Arquivo familiar da autora

Para Anne Cauquelin, a noção de paisagem está relacionada tanto ao meio ambiente físico como à arte do enquadramento e da composição. Nesse sentido, a paisagem só existe em função de um enquadramento humano, ou seja, de uma seleção, de uma escolha, de um recorte de mundo e, ainda, de uma disposição dos elementos em jogo. “Contudo, se a moldura é necessária, ainda falta-nos indagar sobre sua composição. O que é que constitui a moldura – além do artifício exemplar da janela – para que a paisagem seja vista como tal?” (Cauquelin 2007, 139)

Segundo Cauquelin, a janela que se constrói visa manter o selvagem à distância, isto é, se configura como um aparato que nos permite domar a natureza.

“Recordemos que Lucrécio já nos dizia que a natureza é para ser evitada, e nós podemos evitá-la, acrescentava ele: sim, porque temos a preciosa paisagem que, ao remeter à natureza, a domestica, interpondo entre ela e nós seu *análogon* civilizado.” (Cauquelin 2007, 139)

A moldura funcionaria, assim, como um dispositivo do olhar que restabelece uma distância. Para além da moldura, entretanto, haverá sempre uma extramoldura, isto é,

algo que não se revela de imediato, mas que é elemento constitutivo da moldura, sua condição necessária. A forma como o artista dispõe os elementos dentro e fora da moldura lhe permite construir determinada composição no quadro da paisagem. À arte de escolher o que está dentro e o que está fora da moldura chamamos de enquadramento. Para construir determinada paisagem, é preciso que o artista tome uma série de decisões de enquadramento, domando assim a natureza.

Mas podemos pensar também em paisagens ecológicas, do ponto de vista de uma borboleta, de uma cobra, de um macaco, como têm feito alguns pesquisadores contemporâneos. Se formos capazes de nos esforçar para pensar a paisagem de um ponto-de-vista não-humano, talvez sejamos capazes também de ampliar nossa própria noção de paisagem.

Algumas relações entre o arquivo e a paisagem

Interessa pensar que nossa relação com os arquivos pode transcender sua aparente limitação temporal. Podemos nos relacionar com eles justamente reconhecendo a possibilidade de sua indeterminação temporal. Refletir não sobre os arquivos, mas a partir dos arquivos. A partir desse lugar onde uma multiplicidade de tempos é possível, como acontece quando olhamos uma paisagem.

O arquivo não é um espaço vazio a ser preenchido. Tampouco é um espaço repleto a ser desbravado. O arquivo possui essa dupla característica de dizer e não-dizer, de falar e escutar. Olhar o arquivo como paisagem talvez seja criar condições para que ele possa revelar seus ritmos de fluxo e corte, memória e esquecimento, escrita e apagamento.

Como diz a física Karen Barad: o vácuo é um silêncio falante. Segundo Barad, a teoria quântica dos campos nos ensina que não se trata de uma divisão entre a matéria e o vazio, como se tivéssemos que nos relacionar com as coisas de acordo com essa ontologia, baseada na teoria Newtoniana. Mas justamente entender o vácuo em seu dinamismo e indeterminação. Talvez também possamos pensar nos arquivos nesse sentido. Pensar nos arquivos como paisagem talvez seja mirá-los em seu dinamismo e indeterminação. Uma possibilidade de mergulhar num ambiente espesso de temporalidades.



Imagem 2 – Arquivo familiar da autora

Se os arquivos podem ser vistos como paisagens, talvez sejam paisagens em ruínas. Mas o que, afinal, é uma ruína? Segundo Rebecca Solnit, uma ruína é uma construção humana abandonada à natureza, e que portanto é sedutora por ser selvagem – um lugar cheio de promessas do desconhecido, com suas epifanias e perigos. Ruínas se transformam no inconsciente de uma cidade, sua memória, desconhecida, escura, perdida, e em sua potência de trazê-la de volta à vida. Talvez por isso tenhamos tanto pudor em viver as experiências dos arquivos. Por seus riscos e seus perigos. Mas o medo de fazer erros pode ser um grande erro, um que nos previne de viver, pois a vida é arriscada e a todo momento estamos lidando com a perda.

Andreas Huyssen propõe reflexões contemporâneas que levem em consideração uma dialética entre memória e esquecimento, argumentando que há uma tradição nas políticas da memória de se desvalorizar o esquecimento, inerente à própria condição de existência da memória. Em *Culturas do Passado-Presente*, o pensador menciona que o esquecimento geralmente aparece como um complemento da memória e não como a própria condição de possibilidade da memória. Em *Seduzidos pela Memória*, Huyssen ressalta a importância da dialética entre espaço e tempo: “Tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligados entre si de maneiras complexas.” (Huyssen 2000, 10). Isto é, não se pode pensar em espaço sem se pensar em tempo, e vice-versa.

Se eu fosse uma paisagem – reflexões sobre arquivos familiares

Ao mergulhar no arquivo de doze rolos de película em 8mm, filmados por meu avô entre 1953 e 1960, que fazem parte do material bruto do meu longa-metragem “Termodielétrico”, em desenvolvimento, sou levada a me questionar não só nas experiências vividas por ele nos espaços como também em minha própria experiência ao me relacionar com esse material. Me pergunto se as relações estabelecidas por ele com as paisagens que filmava nos anos 50 repercutem de algum modo com a forma como eu me relaciono com as paisagens hoje.

Nesse contexto, os arquivos podem nos ajudar a recordar as paisagens que compõem nossos imaginários, herdados por nossas tradições. A pergunta “se eu fosse uma paisagem” tem a intenção de nos levar a refletir sobre as relações que nossas famílias e nossas culturas tiveram com os espaços, por determinado período de tempo. Nesse sentido, a análise de arquivos familiares pode revelar tanto as semelhanças quanto as diferenças nos modos de percepção das paisagens através das gerações.

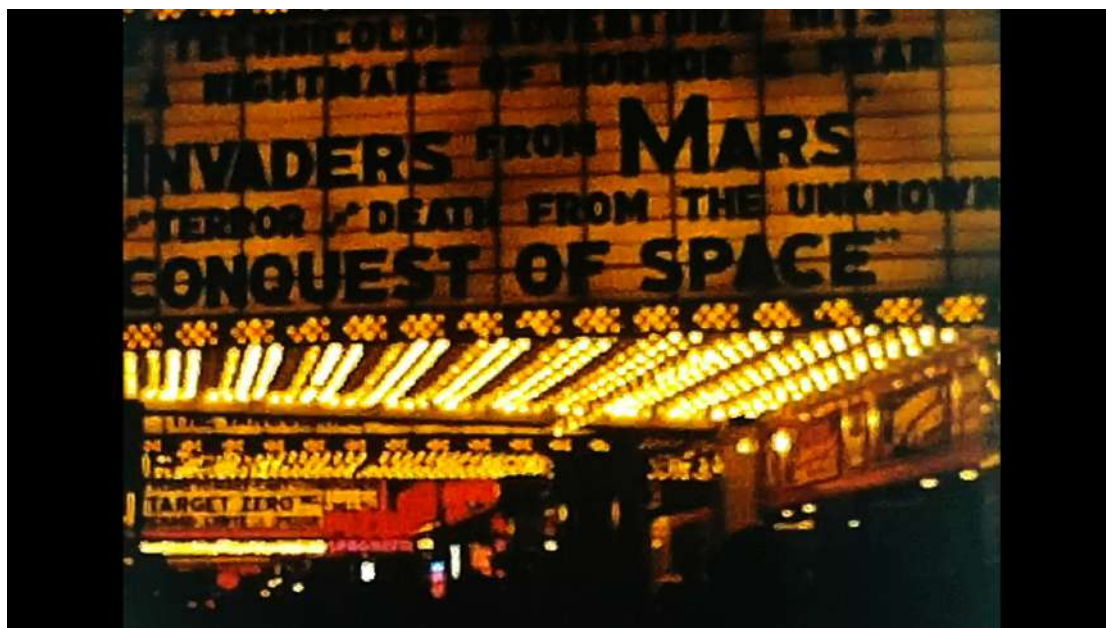


Imagem 3 – Arquivo familiar da autora

Vejo nos arquivos familiares de meu avô sempre um movimento de deslizamento, de deriva, de alguém que está com o corpo em movimento, ou percebendo o movimento dos corpos. Reconheço esse gesto: o de avançar, para frente, como uma roda que não para de girar. Um avião que aterrissa, a proa de um barco em direção ao horizonte, uma

pista de patinação no gelo, os movimentos de uma cidade – luzes, bondes, carruagens. Meu avô desliza pelo mundo como um pássaro.

Segundo a *poética das asas* do filósofo Gastón Bachelard, o corpo do pássaro é feito do ar que o cerca. Como sugere um verso de William Blake, citado por Bachelard: “O pássaro do mar toma a rajada de inverno como roupa para o seu corpo.” (Blake cit. in Bachelard 2001, 78).

É preciso se apropriar dos arquivos para que eles não se apropriem de nós. Não ignorar suas residências e seus suportes, mas transcender seu caráter autoritário e limitante. Não sucumbir a suas lacunas e fantasmas, mas enfrentá-las em sua incompletude e assombramento. Apropriar-se dos arquivos para libertá-los, e assim enfrentar seu mal e dialogar com sua memória. Quem sabe, ao observar os arquivos como paisagens, possamos criar novas memórias – mais elásticas, horizontais, poéticas e caleidoscópicas?

BIBLIOGRAFIA

- Assman, Aleida. 2011. *Espaços da Recordação*. Campinas: Editora Unicamp.
- Bachelard, Gaston. 2001. *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barad, Karen. 2021. “On Touching the Stranger Within – The Alterity that therefore I Am”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l9OQjStWVGg>. Acesso em: 23 maio 2021.
- Cauquelin, Anne. 2007. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Derrida, Jacques. 2001. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Farge, Arlette. 2009. *O Sabor do Arquivo*. São Paulo: Edusp.
- Rilke, Rainer Maria. 1902. “Del Paisaje”. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/163481737/ENSAYOS-por-RAINER-MARIA-RILKE>. Acesso em: 23 maio 2021.
- SOLNIT, Rebecca. 2006. *A Field Guide to Getting Lost*. Nova York: Penguin Books.